

O Brasil de P K. Page: deslocamentos, olhares e viagens

Sandra Regina Goulart Almeida

Resumo: Este trabalho analisa o diário da escritora canadense P K. Page, *Brazilian Journal*, publicado em 1987 e escrito durante o período de 1957-59 em que a autora acompanhou seu marido diplomata em missão no Brasil. Faz uma leitura do diário de Page como um elemento agenciador do contato do estrangeiro com o Brasil do modernismo. Procura mostrar a visão que Page tem do Brasil analisando como, apesar de constantemente mencionar sua paixão pelo país, Page deixa freqüentemente entrever a inevitável ambigüidade do contato com o outro através do olhar estrangeiro, muitas vezes decodificando imagens estereotipadas de um país exótico e colonizado.

Abstract: This paper analyzes *Brazilian Journal*, P K. Page's diary, which, published in 1987, was written between 1957-59 when she lived in Brazil with her husband, the Canadian ambassador. It reads the diary as a mediator in the cultural encounter between the Canadian author and the Brazilian modernist scene as it attempts to map out the gaze that reflects and digests the foreign experience. Despite the constant evocation of her love and passion for the country, Page's work unravels another level of understanding, unveiling the inevitable ambiguity of the foreign encounter in the contact zone, very often evoking stereotypical images of an exotic and colonized country.

*Disturbed and excited by Brazil. Why? What is it all about? Does
place alter person? It's like falling in love —with the country itself*

P K. Page, Brazilian Journal

*I promised to show you a map you say but this is a mural
then yes let it be these are small distinctions
where do we see it from is the question*

Adrienne Rich¹

Nas bordas do texto

A citação da escritora americana Adrienne Rich que abre este trabalho evoca a natureza subjetiva de mapeamentos históricos e aponta para a relevância do olhar como elemento determinante de outras realidades observáveis. Nela um mapa, historicamente concebido como autoridade física que estabelece espaços geográficos, transforma-se em um mural cuja suposta objetividade é substituída pela subjetividade do olhar que o cria. De maneira análoga, pode-se perceber que ao abrirmos o *Brazilian Journal*, da escritora canadense Patrícia Kathleen Page, mais conhecida como P K. Page, deparamos com o desenho de um mapa do Brasil, cujo título, “The Brazil of P. K. Page”, aparece na parte superior do desenho integrando a bandeira do país. Este mapa é, na verdade, também mais mural subjetivo. *Brazilian Journal*, publicado apenas em 1987, é apresentado em forma de diário e se baseia na experiência de P K. Page no Brasil, no período de 1957-1959, em que a autora, então já uma poeta renomada em seu país de origem, acompanha o marido diplomata em missão no Brasil. Esse desenho introdutório do mapa do

¹Essa citação é parte de um poema de Adrienne Rich intitulado “An Atlas of the Difficult World” que aparece em sua coletânea de mesmo nome (1991: 6).

Brasil, ou seja, o mural subjetivo de P. K. Page, remete para a própria (in)consistência do diário. Os contornos do país, assim como o desenho da parte central da bandeira, são retratos fiéis, enquanto que no mapa propriamente dito Page inscreve, não o Brasil dos mapeamentos geográficos que conhecemos, mas sim o “seu” Brasil, isto é, os espaços que seu olhar estrangeiro captura e reflete em um movimento que abre lacunas e distorce proporções. Nele encontramos, de maneira magnificada, apenas a marca dos lugares visitados pela autora. Nesse movimento subjetivo de ao mesmo tempo desenhar e designar, não os espaços geográficos “reais”, mas aqueles que figuram no “seu” Brasil, a autora, porém, procura se precaver, ao enfatizar a visão pessoal, de possíveis deslizamentos ou posições autoritárias ao retratar o país, mas deixa também entrever, de maneira igualmente problemática, um processo de contato do estrangeiro com o Brasil nos moldes de tantos outros encontros assimétricos entre os supostos “primeiro” e “terceiro” mundos.

Nesse contexto, o encontro de Page com o Brasil remete à teorização de Mary Louise Pratt sobre os relatos de viagem em que a crítica canadense chama a atenção para as possibilidades e, simultaneamente, os perigos de se escrever dentro do que ela denomina “zonas de contato”, isto é, espaços sociais, temporais e físicos, onde culturas distintas se encontram e interagem, estabelecendo relações, na sua maioria, assimétricas e conflitantes de dominação e subordinação, seja através de formas historicamente documentadas como a escravidão e o colonialismo, ou através de manifestações pós-coloniais desses encontros. Pratt enfatiza ainda a ação dupla proveniente dessas várias zonas de contato no sentido que nesse movimento interativo o centro não apenas determina a periferia, mas, muito comumente, a periferia também acaba por determinar ou modificar o centro (1992: 5-6). Como observa Miguel Nenevé, o encontro de Page com o Brasil modifica também sua visão e conceitos sobre um país de terceiro mundo (1998: 62-65). A própria Page indaga, na citação que serve como epígrafe deste trabalho, ao perceber como aos poucos se apaixona pelo país e como sua percepção, mesmo que estética, se modifica nesse outro contexto: “Does place alter person?” (1987: 46). Mas, pode-se questionar, de que maneira o lugar descrito como o Brasil atua para modificar a vivência do “eu”?

Ou até que ponto, o Brasil, enquanto construção discursiva, serve apenas a um pre/texto para o desenvolvimento estético do olhar do artista?

O mapa do Brazil de P. K. Page levanta esses questionamentos e efetiva essa zona de contato ao revelar o olhar estrangeiro sobre o Brasil, criando a possibilidade de apropriação do espaço através de um processo de construção discursiva. Anne McClintock, ao analisar a função dos mapas em contextos coloniais, nos lembra que estes, enquanto instrumentos de precisão geográfica, são inscritos culturalmente, podendo ser vistos como um meio de efetuar uma “tecnologia de posse no sentido de que mapeamentos são, na verdade, inevitavelmente, agentes de uma ação colonial, pois a visão e o conhecimento constituídos pelos mapas precedem e legitimam de uma certa forma a apropriação territorial (1988: 151-52). McClintock cita Pierre Macherey, que explicita a importância dos mapas na retórica de contatos interculturais: “o mapa geográfico é um objeto real, mas é também poético na medida em que ele recupera completamente a natureza. Através do mapa, a viagem torna-se uma conquista da mesma forma que a aventura científica. Ele recria a natureza na medida em que impõe suas próprias normas sobre ela” (McClintock, 1988: 151, minha tradução).

O mapa de Page, muito embora desviado da função colonialista, como observado por McClintock, por óbvios aspectos temporais, explicita o encontro do estrangeiro com o Brasil, criando suas próprias normas e visões sobre o país e descortinando também um movimento de posse, de apropriação através de um olhar subjetivo na construção do outro pela visão primeiro-mundista, não inteiramente diferente daquela observada em viajantes dos séculos 18 e 19. Denise Adele Heaps observa que, sob uma perspectiva pós-colonial, os termos com que Page define o Brasil apontam para um sentimento de posse alarmante. Heaps, porém, justifica essa tendência por tratar-se de um texto autobiográfico e, portanto, ser um relato das experiências pessoais de Page no Brasil (1996: 369). Entretanto, a meu ver, o fato de poder ser considerado uma obra autobiográfica não isenta o diário de Page de visões que, mesmo evocadas no século 20, são típicas do olhar estrangeiro de viajantes ao Brasil, estando inserido na problemática de

diferenças culturais e relações assimétricas visualizadas através da retórica dos relatos de viagem.

Nesse contexto, este trabalho faz uma leitura do diário de Page como um elemento agenciador do contato do estrangeiro canadense com o Brasil do modernismo, procurando mostrar a visão do país que Page descreve através da escritura, analisando como, apesar de constantemente mencionar a paixão pelo Brasil, Page deixa entrever a inevitável ambigüidade do contato com o outro através do olhar estrangeiro, por vezes decodificando imagens estereotipadas de um país exótico. O diário de Page se insere em um contexto pós-colonial de relações interculturais, sem contudo estar isento de posicionamentos problemáticos que reforçam, muitas vezes, as oposições binárias centro/periferia. Apesar de advir de uma cultura das Américas que também possui marcas do contato colonial europeu nos séculos passados, é importante observar o locus de enunciação incorporado por Page, e seu posicionamento diante do contato com o Brasil. Ela nos fala de um lugar outro privilegiado, da afluyente e desenvolvida América do Norte e, sobretudo, da residência oficial do embaixador canadense no Brasil, lugar este marcado por relações assimétricas de poder e, nesse meio, Page reproduz, muitas vezes, uma retórica dos relatos de viagens nos moldes daqueles produzidos pelos europeus que aqui inicialmente chegaram.

Um olhar nas bordas do *Brazilian Journal*, naquilo que excede o texto em si, revela e prenuncia várias questões a serem abordadas no corpo do diário, assim como retoma vários traços dos diários de viagem escritos por mulheres nos séculos passados. Na primeira página encontra-se a óbvia dedicatória ao marido – “For A., of course” – e na página ao lado aparece a ficha catalográfica do livro que informa as palavras-chave dentro das quais o diário pode ser enquadrado: “1. Page, P K. (Patricia Kathleen), 1916- 2. Poets, Canadian (English) – 20th century – Diaries. 3. Ambassadors’ wives – Canada – Diaries.

4. Brazil – Description and travel – 1951-1980”. Estes dois paratextos apontam para um aspecto relevante e delimitador na análise de *Brazilian Journal*: a demarcação do locus de enunciação da voz narrativa, nesse caso claramente gendrada. Como tantos outros relatos de viagem escritos por mulheres nos séculos passados e analisados por Mary

Louise Pratt, dentre vários outros críticos,² este esconde na aparente autonomia da autora como uma poeta reconhecida no Canadá, a autoridade do marido e o papel secundário da esposa de um diplomata em missão em um país estrangeiro. Evoca ainda as clássicas narrativas dos relatos de viagem onde as mulheres figuram frequentemente apenas como acompanhantes (Clifford: 1997, 31-32) e cuja autoridade do marido precisa ser evocada para legitimar o texto de autoria feminina. É esta a Page, a esposa do embaixador, que aparecerá na maior parte do texto em que o contato com o Brasil é estabelecido. A outra parte é incorporada pela artista recém-surgida, que por trás do sobrenome do marido diplomata – P. K. Irwin – assume uma outra máscara, vindo nesse contato um forte elemento estetizante e a possibilidade de uma nova experiência artística. A descrição do Brasil e a viagem, o suposto objeto de sua análise, a julgar pelo título dado ao diário, figuram no último lugar na hierarquia listada na ficha catalográfica. Sem dúvida, da mesma forma que o mapa introdutório, essa aparente irrelevância de detalhes, aponta na verdade para o rumo da narrativa: muito pouco do Brasil como o conhecemos será narrado e muito do olhar, definitivamente estrangeiro, estetizante, gendrado e aristocrático – da esposa de um diplomata e da artista canadense – irá emergir. Como observa Heaps, “os relatos de viagem nos dizem muito mais sobre o autor do que sobre o lugar – o lugar torna-se uma extensão do eu” (1996: 356, minha tradução). No caso de Page, o lugar, porém, não é simplesmente uma extensão do “eu”, mas funciona tanto como um espelho que reflete o olhar do “eu” – um “eu”, segundo ela, que se modifica ao longo da estadia estrangeira – quanto como uma construção discursiva e estética.

O prefácio, como requer um relato de viagens, traz um tom de desculpa pelos possíveis deslizos nos fatos narrados e na visão apresentada e a ênfase, mais uma vez, na subjetividade do olhar lançado sob o Brasil:

This is a period piece. It is based, mainly, on letters to my family

² Dentre os críticos que discutem as mulheres viajantes nos séculos 18 e 19, cito Mills (1991), Pratt (1992) e McClintock (1995). Para uma análise das mulheres viajantes no Brasil, sugiro Gazzola (1995).

and extracts from my journal, written during the privileged years, 1957-1959 ... More than thirty years have passed since the events described took place

In the interim, language has changed; Brazil has changed; I have changed. But for me — then — this is the way it was. (1987: VII)

O trabalho da memória bem como o caráter privado das fontes (cartas íntimas, diários) são aqui evocados para justificar o aspecto pessoal e subjetivo do diário. A declaração final, “But for me – then – this is the way it was” une o presente e o passado e insere a escrita da memória, que é o diário, no contexto da narrativa pessoal e procura excluir o *Brazilian Journal* de uma perspectiva de relatos de viagens objetivos. No entanto, como nos lembra Pratt (1992) e Mills (1997), esta é uma tentativa infrutífera, pois o discurso de viagem nunca é objetivo ou inocente, mas sim intermediado por relações de poder, quase sempre a serviço de uma atitude de superioridade cultural, social e econômica.

A epígrafe, bastante apropriada, escolhida por Page para abrir o *Brazilian Journal*, aponta para uma direção semelhante:

*And in that tasting,
taster, water, air,
in temperature identical
were so
intricately merged
a fabulous foreign bird
flew silent from a void
lodged in my boughs. (1987: v)*

Esta é a última estrofe do poema “Traveller’s Palm”, publicado pela primeira vez em *Evening Dance of the Grey Flies* (1981)³ Nele, a voz

³ Segue aqui o poema “Traveller’s Palm” completo: “Miraculously plaited tree./A sailor’s knot/rooted,/a growing fan/whose grooved and slanted branches/are aqueducts/end stopped/for tropical rains./Knot, fan,/Quixote’s windmill,/what-you-will — /for me, traveller, a well./On a hot day I took/ a sharp and pointed knife,/plunged,/an water gushed/to my cupped **mouth**/ old water/tasting green,/of vegetation and dust,/old water, warm as tears./ And in that tasting,/taster, water, air,/in temperature identical/were so intricately merged/a fabulous foreign bird/flew silent from a void/lodged in my boughs” (1997: 157, v. 1).

poética, claramente identificada como a de um viajante sedento (“knot, fan, / Quixote’s windmill, / what-you-will- / for me, traveller, / a well” [1997: 157, v. 1]) ao experimentar da água de uma planta tropical funde-se, transforma-se na árvore onde um pássaro estrangeiro se aloja e de onde ele parte. O título, “traveller’s palm”, propositadamente ambíguo, tanto pode remeter à palma da mão do viajante na qual o pássaro estrangeiro pousa como à palmeira, árvore na qual se transforma, a “palma/palmeira do viajante”, sendo que embutido no título está também a idéia de posse. Esse poema encena, em termos de metáforas e imagens típicas dos poemas de Page, o encontro do viajante com o lugar estrangeiro, percebido, como nos típicos relatos de viagem, através de uma visão estética e idealizada da fauna – o fabuloso pássaro estrangeiro – e flora – a árvore que satisfaz a sede do viajante e com a qual ele se identifica. Nesse poema, o viajante se identifica por completo com essa natureza estrangeira que é tanto exuberante quanto generosa, a ponto de se transformar não apenas através dela mas também em um próprio elemento pertencente a ela. A comunhão é perfeita, a integração idealizada, a transformação na natureza local e nativa completa.

Em um contexto de análise das teorias pós-coloniais contemporâneas, esse breve olhar pelas bordas do texto – o título, o mapa, a dedicatória, a ficha catalográfica, o prefácio, a epígrafe – revela algumas posições de Page como posturas bastantes problemáticas: a reificação e a construção discursiva de um país outro pela função do prazer estético e um sentido de posse com relação ao suposto objeto de seu olhar e de sua paixão.

Da viagem ao evento estético

Imagens de contatos culturais como essas evocadas no poema “Traveller’s Palm” são uma constante na poesia de Page. Essas são visualizadas em descrições do viajante (“Voyager”, “Journey”, “Round Trip”), do estrangeiro (“Foreigner”) do turista (“The Permanent Tourists”), de locais visitados (“Brazilian House”, “Macumba: Brazil”,

“Brazilian Fazenda”, “Conversation”), e de mapeamentos vários (“The Map”, “Cook’s Mountain”). A viagem de Page, seu deslocamento constante e sua posição de viajante, e muitas vezes turista, permeiam o *Brazilian Journal* recontando, de maneira ambígua e contraditória, esse encontro entre culturas distintas e díspares.

Eva-Marie Kröller observa como o estudo das narrativas de viagem tem insistido na múltipla persona do autor ou autora que adota simultânea e ambigualmente a posição de cúmplice e crítico na empreitada imperialista através de uma voz retórica distintamente conflitante (1990: 87-88). Seguindo essa mesma perspectiva, James Clifford acrescenta que viajantes, quer sejam de um passado histórico ou da contemporaneidade, movem-se dentro de um forte circuito cultural, político e econômico e que as circunstâncias específicas que motivaram seu deslocamento são fatores cruciais determinantes na confecção da literatura de viagem que se manifesta das mais variadas formas: através de diários, música, romances e outras manifestações culturais (1997: 35). Essa afirmação fornece subsídios para uma leitura do diário de Page como uma manifestação da literatura de viagens no século 20, trazendo consigo uma gama de determinantes codificados através de seu posicionamento, sendo simultaneamente crítica e cúmplice de posições dicotômicas típicas originárias de encontros culturais. Clifford nomeia este tipo de viagem como “dwelling-in-travel”, “a home away from home” (1997: 23-26), um estado transitório, um entrelugar paradoxal e conflitante do sujeito viajante e do autor da literatura de viagem.

Caren Kaplan no livro *Questions of Travel*, no qual analisa a questão da viagem e do deslocamento como categorias analíticas no discurso crítico da contemporaneidade, observa como a metáfora da viagem prevalece na cultura atual e como ela está intimamente ligada ao aumento crescente entre as disparidades de riqueza e poder entre nações e comunidades discursivas (1998: x-xi). Kaplan argumenta que o conceito de viagem no século 20 não pode ser desvinculado do legado histórico do desenvolvimento do capitalismo e da expansão do imperialismo que criou tantas desigualdades culturais, sociais e econômicas. Define ainda a figura do viajante que domina os relatos modernistas como sendo um indivíduo elitista, ocidental, branco, de classe alta, um observador introspectivo, literato, ligado às artes e cultura e, sobretudo, um

humanista. Para ela, o viajante e o turista atuam como agentes da modernidade confirmando e legitimando a realidade social de construções como “primeiro” e “terceiro” mundos, desenvolvidos /subdesenvolvidos, centro/periferia – posições dicotômicas diretamente condicionadas pelo legado colonial (1998: 50-63). Dentro desse contexto de oposições binárias analisadas sob a perspectiva de teorias pós-coloniais, Kaplan observa que “o ‘Terceiro Mundo’ está sempre localizado em uma periferia claramente definida, sendo que as relações coloniais na contemporaneidade se deslocaram de aspectos militares/econômicos para o eixo cultural/ econômico, e que os estereótipos servem como legitimações explicativas da política estrangeira. Dessa forma, os japoneses são sedutores e o Brasil é ‘uma cultura canibalesca, amorosa, e sedutora’” (1998: 84, minha tradução). Kaplan menciona ainda o perigo de se criar, através de conceitos arraigados e reproduzidos em relatos de viagem, construções exóticas do outro a serviço de urna superioridade cultural que não é questionada (1998: 97). Page é, sem dúvida, a não ser pela questão de gênero, um retrato fiel do viajante descrito por Kaplan: branca, ocidental, de classe alta, elitista, uma poeta/artista. Seu *Brazilian Journal* atua exatamente como um elemento que expõe, critica e reforça as oposições binárias proporcionadas por sua posição como agente, mesmo que inconsciente ou relutante, do vetor de superioridade cultural e econômica. Ironicamente, “amoroso, sedutor” são características frequentemente evocadas por Page para se referir ao Brasil.

Nas primeiras páginas de *Brazilian Journal*, Page relembra criticamente como havia reproduzido idéias estereotipadas sobre o país e a América Latina quando inicialmente rejeita uma possível estadia no Brasil por, talvez, dentre outras opções, almejar a um posto europeu:

I find it hard now to remember why Brazil fell on my heart with so heavy a thud. Perhaps it was the memory of the Latin-American wives in Ottawa who had looked like a cross between women and precious stones; perhaps an unformulated wish for a European post after Australia; perhaps ... who knows? At any rate I didn't view the prospect with particular cheer. Yet, curiously, all that I was having about New Guinea — the marvellous fret of tropical

vegetation, the moist, hot air, the extraordinary brilliance of bougainvillea and hibiscus against the rank and thrusting green — all these were to be given to us even more abundantly in Brazil. Ali these and heaven too. (1987: 2)

É interessante observar como nessas primeiras impressões de Page sobre o Brasil um estereótipo acaba sendo substituído por outro igualmente pernicioso: o de um país atrasado com mulheres fúteis pelo de uma terra esplendorosa, sedutora e exótica. Essa descrição da natureza abundante, de um sentimento estético de fascinação diante do excesso, que parece ser a base da reação apaixonada pelo Brasil, permeia todo o texto de *Brazilian Journal*: “it is so excessive” (15), “I felt overwhelmed by beauty” (63), “everything is beautiful” (174), “I expect never to have so much again ... so much beauty, so much sun, so sweet a people” (238), “golden, perfect, complete” (241). Nessas imagens igualmente estereotipadas, o texto de Page, como um relato de viagem, claramente evoca a famosa “Carta de Pero Vaz de Caminha”, escrita em 1º de maio de 1500, dando ciência ao Rei de Portugal sobre o “descobrimento” do Brasil, narrando em detalhes o deslumbramento diante do excesso, da fertilidade e da beleza da “terra brasilis”: “E em tal maneira é grandiosa que querendo aproveitá-la, tudo dará nela” (Castro: 1985, 98). O eco da carta de Caminha sobre o “descobrimento” do Brasil encontra respaldo ainda na formulação de Page sobre sua “descoberta” — “my discovery of their Brazil” (149). Na concepção de Pratt, esses seriam, sem dúvida, “olhos imperiais”, passivamente olhando e possuindo, através de um discurso da “anticonquista” que ao mesmo tempo aponta para a aparente inocência do olhar e para seu paradoxal poder hegemônico (1992: 6).⁴ O uso dos pronomes possessivos distintos “my/their” – a “minha” descoberta do “seu” Brasil – mostra ainda a dualidade dos espaços ocupados por estes dois elementos de contato cultural e a imensa lacuna existente entre eles.

⁴ Mary Louise Pratt usa o termo ‘anticonquista’ para designar as estratégias de representação através das quais o sujeito burguês europeu tenta ao mesmo tempo estabelecer sua inocência e sua hegemonia através de “olhos imperiais” que passivamente observam e possui a paisagem descrita (1992: 7).

Brazilian Journal, além de descrever o contato com o Brasil sob o ponto de vista da embaixatriz, torna-se ainda o meio pelo qual P. K. Page, a poeta, descreve como se tornou, P. K. Irwin, a pintora. Incapacitada de escrever poesia, diante do episódico estético que é seu encontro com o Brasil tropical, Page aos poucos descobre sua “outra” vocação artística, em suas próprias palavras, “adquirindo uma outra máscara” (Watchel: 1987, 56), traduzindo o sentimento poético da escrita para a pintura (“this translation into painting” [1987: 195]). O diário intercala a narrativa dos acontecimentos com os desenhos e pinturas de espaços e da natureza brasileira que Page produz durante a estadia no país, visto através dos olhos de P. K. Irwin, a esposa de Arthur Irwin, o diplomata canadense no Brasil. Esses desenhos e pinturas que adornam o texto, assim como o mapa da página inicial, traduzem o olhar de Page sobre o Brasil: o que ela vê são espaços aristocráticos por onde circula e a exuberante natureza brasileira claramente idealizada. Como Page observa várias vezes, no Brasil ela vivia através do “olho” – “through the eye” (1987: 177) – o “eye”/olho aparece, neste caso, ironicamente, como uma referência implícita a seu homônimo em inglês I/eu: o que Page vê através do olhar “eye” é uma manifestação poética e subjetiva do seu “eu”/“I”. Mais problemática ainda é a referência à sua capacidade, como “Mrs. Midas”, de transformar tudo o que vê em algo belo: “I feel I am Mrs. Midas, with this difference: everything I look at turns to beauty. On a rational basis I find it difficult to believe that *everything* is beautiful, and yet, to my eye, it is. The leaves, the beach, the sea. The streets with their lazy people and their racket” (1987: 174). A experiência estética de Page, nesse caso, vai ao extremo ao se equiparar a Midas, que, como imagem típica do mercantilismo, transforma o que toca em ouro. Porém, o sentido aguçado de Page, como é próprio de relatos de viagem, é a visão que tudo transforma em uma beleza sublime, até mesmo, para nosso espanto, os preguiçosos brasileiros, à maneira de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade que parodia, apropria e critica o discurso do exótico, justamente este que Page reproduz. A mesma tendência estetizante pode ser observada diante da visão de uma favela (Heaps: 1996, 358): “We drove today over the hills and through the *favelas*, which should make any sensitive, decent person devote his life to social reform, but I’m afraid my initial reaction was one of fierce

pleasure in its beauty” (1987:70). Pratt observa como o projeto estetizante, bem como seus opostos estéticos, é mais uma característica paradoxal do discurso de viagem, uma necessidade poética que justificaria a intervenção estrangeira (1992: 117).

Em “Questions and Images”, porém, um ensaio publicado em 1969, após seu retomo ao Canadá, Page, relembrando os “dias gloriosos” e maravilhosos que passou no Brasil, questiona:

*I wonder now if “Brazil” would have happened wherever
I was? ... I drew as if my life depended on it — each tile of
each house, each leaf of each tree, each blade of glass, each
mote of sunlight — all things bright and beautiful
Compelled. propelled by the point of my pen. And in
drawing them all I seemed to make them mine or make
peace with them, or they with me. (1969: 18)*

Observa-se, nessa citação, como “brasil” torna-se reificado apontando para sua função subjetiva e estética como um espaço de mudança para o “eu” artístico – como o viajante transformado em árvore em “Traveller’s Palm”. Além disso, o ato de pintar, desenhar, e mesmo traduzir o país sempre através de imagens referentes a espaços interiores e à natureza, permite que Page expresse, mais uma vez, um sentimento de posse. Através da experiência estética, quer seja pela escrita do diário ou pela pintura, Page consegue possuir (“make them mine”) aquilo que tanto a fascinava: a beleza, a sedução, o calor brasileiros. Como nos lembra Kröller, “descrições como as de guias para turistas sobre a geografia e flora de um lugar são, é claro, um ato de posse; a descrição detalhada de um litoral, especialmente se for apresentada em linguagem distanciada, imita o processo de reconhecimento de um terreno antes de sua ocupação militar e econômica” (1990: 94-95, minha tradução). No caso de *Brazilian Journal*, essa experiência estética que é traduzida em pinturas e desenhos da natureza e de espaços interiores reflete também uma certa dificuldade de Page de lidar com o aspecto humano dessa zona de contato, que será analisada a seguir.

Mais tarde, em 1987, Page comenta em uma entrevista:

I think I had a vision of beauty when I was in Brazil.

Something happened to my eyes that made everything I looked at seem to have a kind of remarkable radiance. Maybe it was just the tropics and sun, that endlessness of sun and heat. And, of course, it was beautiful. Visually it was absolutely startling. Colours. The sensuousness of living in heat is strange ... It has its own animal seductiveness. Was it Jung who said when you're ready for a thing, it happens to you? Certainly Brazil might well have happened to me wherever I was. (Wachtel, 1987: 54)

Nesse trecho aparece a constatação daquilo que era anteriormente apenas uma dúvida: “sim”, “Brazil” aconteceria onde quer que estivesse, evocando indiretamente o famoso poema de Elizabeth Bishop, outra viajante ao Brasil no mesmo período, em “Questions of Travel”, de onde Kaplan tira o título de seu livro: “Is it lack of imagination that makes us come /to imagined places, not just stay at home?/... Should we have stayed at home, / wherever that may be?” (1983: 94). Diante desta descoberta, pode-se verificar como o evento “brazil” na vida de Page, como é retratado em *Brazilian Journal*, enfatiza um movimento pessoal, estético e discursivo – uma viagem que poderia ter acontecido “ao redor de seu quarto”, como o fez Xavier de Maistre no século 18 – e que não deixa de ser diante de perspectivas pós-coloniais, uma visão conflitante que reproduz os relatos de viagens e encontros culturais tradicionais. Afinal, se “brazil” poderia ter acontecido em qualquer lugar, qual a função do deslocamento geográfico e da viagem?

Permanentes turistas na zona de contato

Em seu poema “The Permanent Tourists”, escrito antes mesmo de sua estadia no Brasil, Page acusa os terríveis e sonolentos turistas, com seus olhos passivos e vazios, de serem incapazes de sentimento e de jamais realmente participarem daquilo que presenciam e observam:

*Somnolent through landscapes and by trees nondescript,
almost anonymous.
they alter as they enter foreign cities —
the terrible tourists with their empty eyes
longing to be filled with monuments.*

*Verge upon statues in the public squares
remembering the promise of memorials
yet never enter the entire event
as dogs, abroad in any kind of weather,
move perfectly within their rainy climate.
(1997: 113, v.1)⁵*

Embora se possa, como Heaps (1996: 156), acusar Page de agir, em contato com o Brasil, conforme descrito em *Brazilian Journal*, exatamente da mesma forma que os turistas que ela tanto critica nesse poema, uma análise do diário nos revela uma Page impaciente com estereótipos e preconceitos de outros estrangeiros, como os ingleses, e mesmo os de outros canadenses com relação ao Brasil. Page critica abertamente a atitude da funcionária da embaixada canadense que afirma que os brasileiros são tão ignorantes que nem mesmo sabem falar inglês, e que Page deveria ir ao Canadá fazer a cirurgia de que necessitava, pois seria aterrorizante pensar em um hospital brasileiro (1987:101). Na verdade, Page chega a perceber como ela própria acaba por criar concepções e generalizações sobre o Brasil ao notar, obviamente, que nem todas as mulheres brasileiras das classes altas são esbeltas, elegantes

⁵ O poema "The Permanent Tourists" continua da seguinte maneira: "Lock themselves into snapshots on the steps/of monolithic bronze as if suspecting/ the subtle mourning of the photograph/might, later, conjure in the memory/ all they are now incapable of feeling./And track all heroes down: the boy who gave/his life to save a town: the stolid queen;/forgotten politicians minus names;/the plunging war dead, permanently brave./forever and ever going down to death./Look, you can see them nude in any café/reading their histories from the bill of fare./creating futures from a foreign teacup./ Philosophies like ferns bloom from the fable/that travel is broadening at the café table./Yet, somehow beautiful, they stamp the plaza./Classic in their anxiety they call/ail the memorials of naked stone/into their passive eyes, as placid rivers/are always calling to the ruined columns (1997: 113, v. 1).

e fúteis, como supunha: “How easily one jumps to generalisations! Even accepting the fact that one cannot know Brazilians or the basis of knowing a few, I find I continue to assume that I do” (1987: 87). Permanece desapercibida, porém, a inevitável ambigüidade de seu olhar de viajante estrangeira sobre o outro.

Durante sua estadia no Brasil Page personifica o papel de embaixatriz, distante do povo e até certo ponto fiel a sua prerrogativa de não interferir nos problemas do país. Como observa Heaps, a vivência de Page do famoso carnaval brasileiro reflete sua posição alienada diante do evento real que é a experiência brasileira (1996: 357). Page assiste ao desfile das escolas de samba do palanque do prefeito, bebendo champagne e vendo, lá de cima, o povo desfilar: “Below, one of the most extraordinary sights I have ever seen: a wide river of people samba-ing up and down the Avenida Rio Branco, thousands of them moving in such a way that if you half-closed your eyes you lost entirely the sense of them being people at all” (1987: 20). Neste episódio, comparável às cenas de sacada – “balcony scenes” – mencionadas por Pratt como característica típica dos discursos etnográficos ao revelarem a superioridade e o distanciamento do olhar estrangeiro (1992: 220-22), Page torna, mais uma vez, o contato com as pessoas uma experiência estética distanciada que acaba por eliminar por completo o elemento humano. O único vestígio do contato com o povo, segundo Heaps, a única transgressão de fronteiras, se resume no jato de lança-perfume que um menino de rua joga na calça do marido e faz com que eles retornem para casa cheirando a carnaval (1996: 357), tendo a impressão de que participam do evento brasileiro, quando na verdade são meros observadores a distância. O ato subversivo, que segundo Bakhtin, caracteriza o carnaval, no qual as estruturas sociais são transgressivamente revertidas, permanece ausente da narrativa de Page, assim como sua percepção do outro e o contato com o povo.

Os momentos mais conflitantes e desconcertantes de *Brazilian Journal* se revelam através da interação de Page com os brasileiros, apontando para a dificuldade que tem para fazer contato com eles, apesar da paixão revelada por este povo surreal, “meio maluco”. Como Page menciona em uma entrevista, evocando a noção de “dwelling-in-travel” de Clifford: “Brazil felt more mine than any other place I’ve ever been. I

felt at home there. I *wasn't* at home, of course; it was a foreign country. Nevertheless there was something about the surrealism of Brazil that I found sympathetic. Brazilians are a crazy people, and I like crazy people. And the beauty!" (Orange: 1988, 76). Mas, como observa Heaps, Page permanece uma estrangeira, distante e alienada, no espaço culturalmente específico que é o Brasil (1996: 361).

Os termos usados por Page para descrever os brasileiros são também lugares comuns nos estudos de relatos de viagem de estrangeiros ao Brasil, um eco fiel da carta de Caminha que já em 1500 comenta sobre a natureza dos nativos aqui encontrados como sendo dóceis, inocentes, amigáveis, alegres, mas também ariscos e preguiçosos. Da mesma forma, para Page os brasileiros são doces, alegres, gentis, calorosos, expansivos, amigáveis, mas também, como nos relatos de encontros culturais, são descritos antagonicamente como sendo barulhentos, ignorantes, dramáticos, preguiçosos, desorganizados e atrasados. Como observa Ella Shohat, o discurso dos encontros coloniais geralmente oscila entre duas imagens mestras que se alternam: a do nativo ignorante, mas feliz, puro e receptivo e a do selvagem incontrolável, caótico e histérico (1991: 55), ambas imagens típicas e estereotipadas do outro. Por isto mesmo, diante de dicotomias como estas, Page freqüentemente descreve sua experiência brasileira como "surreal", como uma loucura. Observa-se, porém, que essas descrições paradoxais dos brasileiros somente são possíveis diante de um padrão outro com o qual estão sendo comparados e este, sem dúvida, é a norma padrão de comportamento canadense: "I prefer Brazilians — hot, uncollected, unfair, etc., etc. What is this revulsion in me against all the values I was brought up to respect?" (1987: 65). Mesmo a preferência pelos modos exóticos, homogeneizadores e estereotipados de "ser brasileiro" tem contrapartida em um padrão outro de interação social: há uma norma preestabelecida contra a qual os desvios são medidos e comparados.

É no contato com os empregados do "Palacete Rosa", fruto obviamente de sua posição privilegiada em contextos de raça e classe social no Brasil, no entanto, que se encontra freqüentemente a prevalência de imagens tipicamente derogatórias e mesmos cruéis. Para Page os empregados são em sua maioria incompetentes, preguiçosos, dramáticos. Em suas palavras: *it is exactly like having a house full of*

monkeys” (17). Chocante também é a posição de Page com relação à empregada com elefantíase, uma imagem que volta a assombrá-la mais tarde no poema “Brazilian House”, em mais uma descrição estética do evento Brasil. Após ter sido obrigada a despedi-la por suspeita de roubo, Page conclui: “Unfairly, perhaps I suspect her. ... It is unlikely I shall ever again employ a grotesque ... Lourdes, for that is her name, is pure Baudelaire. Ready for the clothes-line, her great brown arms full of white sheets, rows of clothes pegs clipped to her dress like rows of nipples on some gargantuan sow, she was a truly awesome figure” (1987: 14). Como Baudelaire e sua representação da exótica, exuberante, e não menos grotesca, “Black Venus”, Page reproduz, mais uma vez, uma perspectiva de superioridade cultural que revela seu incômodo com o outro que é diferente da norma preestabelecida.

A preocupação de Page com relação à questão de raça é aparente em *Brazilian Journal*. Há uma constante necessidade de se explicitar a cor, a raça dos brasileiros através de campos semânticos variados, mas que no contexto de um análise pós-colonial, descortinam uma dinâmica oposicional entre o negro e o branco. “Monkeys” (17), “Negroes” (37), “Black, brown, white” (41), “He’s small, attractive, half Negro” (132), “a number of coloured people in Bahia” (132), “mulato youths” (139), “enchanted coffee-coloured child” (133), “a jet black cook’s assistant” (198), “a new laundress – likewise black” (162), “Negro dancers” (183) – são apenas algumas das referências raciais encontradas em *Brazilian Journal*. Nesse ponto, porém, Page claramente reconhece a visão estereotipada sobre a questão racial que traz consigo, proveniente do seu posicionamento cultural e social:

They say that Brazilians have no colour prejudice, even as they say they have found the way to solve the colour problem: intermarriage will produce a white race. When you suggest that their whole argument could indicate they are prejudiced, you feel uncharitable, knowing that they are so much less prejudiced than we, and why are we wanting to find them prejudiced anyway? Does it save us, in some way? (1987: 140)

Aqui percebe-se de relance uma Page consciente da relação paradoxal e ambivalente para com o outro: descrever os brasileiros como preconceituosos seria uma tentativa de negar a própria tendência nórdica de comportamento racista. Dentro de um contexto de relações culturais e sociais assimétricas, transferir ao outro um caráter negativo automaticamente redimiria seu próprio posicionamento.

Da mesma forma, o contato com os brasileiros de um modo geral pode ser resumido pela seguinte afirmação de Page, aparentemente se referindo apenas a sua presença em um estádio brasileiro assistindo a um jogo de futebol: “We were giants suddenly, intent upon ants. Why did we become large because they became small”? (1987: 48) Esta frase chama atenção pelo fato de poder se perceber através dela toda uma dinâmica encontrada nas entrelinhas de *Brazilian Journal* e aqui questionada: os gigantes e os pequeninos, os desenvolvidos e os subdesenvolvidos, o centro e a periferia – uma constante dualidade de imagens e uma repetição de binarismos que remetem à posição clássica adotada nessa zona de contato cultural.

Contraditória, ambígua, dúbia, múltipla e, sobretudo, ambivalente é a posição deslizante de P. K. Page diante do evento Brasil, recuperado através das brechas e fissuras da construção discursiva de sua narrativa. Às vezes completamente alheia à estereótipos culturais que reproduz, mas também por vezes sensível o bastante para perceber as diferenças de posicionamento, do lugar de onde seu olhar, sua voz se originam, Page tece um relato da memória que como tal, além de ambíguo, é também traiçoeiro. A paixão pela experiência “brazil” e a transformação que este lugar lhe acarreta, embora pareçam reais, fazem parte de uma experiência somente recuperável em termos do *Brazilian Journal*: “Sorry, too, to leave my Brazilian self, so different from my Canadian self – freer, more demonstrative. ... Already the very special quality that was “Brazil” for us exists only in our memories and no words can recreate, for us or for anyone else, what was golden, perfect, complete” (1987: 238-41). Uma experiência “dourada, perfeita, completa” é como Page descreve sua vivência indescritível nessa “qualidade especial” descrita com o Brasil. Nas entrelinhas de seu texto, na escritura e pintura de seu mural subjetivo, porém, uma múltipla persona aparece, deixando entrever sua voz conflitante, assimétrica e

dualística, simultaneamente crítica e cúmplice do privilégio de sua posição social, cultural e econômica, inerente a seu próprio *locus* de enunciação visualizado através da retórica de um certo relato de viagem – o seu *Brazilian Journal*.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Rabelais and His World*. Trans. Hélène Iswolsky. Bloomington: Indiana University Press, 1984.
- BISHOP, Elizabeth. *The Complete Poems 1927-1979*. New York: Nooday, 1983.
- CASTRO, Sílvio (ed.). *O descobrimento do Brasil: a carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L & PM, 1985.
- CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth-Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- GARRETT, João B. de Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Chardron, s.d.
- GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. *Mulheres à deriva: viajantes anglo-americanas no Brasil*. Belo Horizonte: Napq/FALE, 1995.
- HEAPS, Denise Adele. "P. K. Page's *Brazilian Journal*: Language Shock". *Biography: An Interdisciplinary Quarterly*, v. 19, n. 4, p. 355-730, 1996.
- KAPLAN, Caren. *Questions of Travel: Postmodern Discourses of Displacement*. Durham: Duke University Press, 1998.
- KROLLER, Eva-Marie. "First Impressions: Rhetorical Strategies in Travel Writing by Victorian Women". *Anel: A Review of International English Literature*, v. 21, n. 4, p. 87-99, 1990.
- MACHEREY, Pierre. *A Theory of Literary Production*. London: Routledge, 1978.
- MCCLINTOCK, Anne. *Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. London and New York: Routledge, 1995.
- _____. "Maidens, Maps, and Mines: The Reinvention of Patriarchy in Colonial South Africa". *The South Atlantic Quarterly*, v. 87, n. 1, p. 147-92, 1988.

- MILLS, Sara. *Discourse*. London and New York: Routledge, 1997.
- _____. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. London: Routledge, 1991.
- NENEVÉ, Miguel. "Colonialism and Anti-Colonialism in P K. Page's *Brazilian Journal*". *Revista de Divulgação Cultural* 66, p. 62-65, 1998.
- ORANGE, John. "Conversation with P K. Page". *Canadian Poetry*, v. 22, p. 68-77, 1988.
- PAGE, P K. *Brazilian Journal*. Toronto: Lester & Orpen Dennys Limited, 1987.
- _____. *The Hidden Room: Collected Poems*. Toronto: The Porcupine's Quill, 1987. 2 vols.
- PAGE, P K. "Questions and Images". *Canadian Literature* v. 41, p.17-22, 1969.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London and New York: Routledge, 1992.
- RICH, Adrienne. *An Atlas of the Difficult World*. New York: Norton, 1991.
- SHOHAT, Ella. "Imaging Terra Incognita: The Disciplinary Gaze of Empire". *Public Culture*, v. 3, n. 2, p. 41-70, 1991.
- WACHTEL, Eleanor. "'That's me, Firing Salvador': An Interview with P K. Page". *West Coast Review* v. 22, n. 2, p. 42-64, 1987.